

SOL INVICTUS CONTRA O MUNDO MODERNO

Tony Wakeford. Saiu há muitos anos atrás dos Death In June, que tinha ajudado a formar, para se dedicar às suas obsessões pessoais. Os Sol Invictus são hoje o seu veículo de expressão e a sua forma de estar contra o mundo, para além de se terem tornado numa das mais fascinantes bandas oriundas de solo britânico do presente. Esclarecimentos do seu imaginário.

Começando pelo passado, Death In June, o que é que te diz?

Eu fiz muito com eles, no passado. Compus muitas das músicas desse período, das letras, tocava baixo e cantava... Cansei-me, cheguei ao fim.

Não eras um membro demasiado valioso para sair. Não dirigias os DIJ nesse período?

Julgo que não. Talvez assim pareça, mas não tenho essa impressão. O Doug e o Pat mantinham a direcção a seguir e eu não me preocupava muito. Não sei... sei que estou feliz por ter saído e que sou mais feliz através dos Sol Invictus.

Não existiram desacordos de qualquer género?

Não, não. Os DIJ estavam, estávamos, a ficar muito deprimentes e eu não era aquilo. Um grupo é sempre, essencialmente, a visão de uma só pessoa. Os outros ajudam e põem muito de si claro, mas é sempre algo pessoal. A democracia não funciona ao nível de uma banda... e os DIJ são a visão do Doug acerca das coisas!

Os Sol Invictus começaram também por ser três pessoas, mas logo passaram a ser o Tony Wakeford mais colaboradores. Foi uma espécie de lição...?

Os S.I. só foram apresentados como um trio no primeiro álbum, mas foi sempre o meu material e as minhas ideias que estavam presentes. E isso sempre foi claro entre todos.

Porquê o desaparecimento de quatro anos entre os DIJ e os Sol Invictus?

Basicamente porque fiquei farto da música... Esse período foi um período «baixo» da minha vida em muitos sentidos. Foi aí que fiz todos aqueles erros que sempre fazemos na vida e que depois nunca mais repetimos.

Foram os anos do envolvimento com a magia, com a joalheria, etc. etc.!

Sim. Ficou-me dos DIJ o gosto pela simbologia, pelo oculto, pelas runas... Mas aprendi muito, sobretudo a não acreditar em ninguém desse período.

Estão aí alguns dos erros que mencionavas, não? Ou não é a magia que hoje conhecemos um conjunto de tretas para ignorante acreditar!

Sim, bastante. A maior parte das pessoas envolvidas com o oculto são uns verdadeiros idiotas, sim.

Qual era então a tua perspectiva pessoal em relação ao assunto, ou a dimensão do teu envolvimento?... Popular ou científica?

Prática, essencialmente. Estava envolvido com pessoas que estudam e se dedicavam à magia. Fazer magia, praticar rituais. A magia é ritual... Mas tudo isso já acabou.

E porquê?

Porque sempre que te juntas a outras pessoas ou a um grupo, seja ele qual for, isso significa também problemas. A natureza humana é muito individualista e, especialmente no campo da magia, lidas muito com o ego das pessoas e com as suas personalidades. E aqui caem muitos dos «fucked up» da sociedade.

São pessoas que vivem um pouca à margem da realidade, não?

Sim. Inadequadas principalmente. E a magia torna a vida delas mais interessante. Sentem-se poderosas num ritual.

Isto tudo não é afinal religião? Seja ela qual for.

Num sentido muito pobre apenas.

Que religião professas então!

A do indivíduo. Qualquer forma de massas, de «mass culture», eu não gosto... Acho que posso ser considerado «pagão», mais do que outra coisa. No norte da Europa o Paganismo é essencialmente a religião do indivíduo, e eu identifico-me com isso.

E o Paganismo não é afinal a não-religião?

Julgo que o termo surgiu para aqueles que vivem perto da natureza, acreditando no mundo natural. O mal das religiões do presente é que põem Deus acima do homem e da natureza. Na visão pagã, Deus é a natureza e vice-versa. O que é sagrado não está divorciado de nós. É sagrado porque faz parte da natureza, e o homem faz parte dela. Muitos dos problemas do presente acontecem porque o homem quer ser superior à natureza!

Explica-me concretamente o que são as runas?

É difícil. Vêm do antigo alfabeto germânico, de origem nórdica/escandinava, envolvendo propriedades mágicas. São sinais, letras do alfabeto, representando coisas ou estados e cuja interpretação difere em cada indivíduo. São símbolos que ligam o homem à natureza, com milhares de anos de existência. Não há leis que as expliquem. Só estudando e penetrando no seu mundo.

Está aí a chave da frase que dá nome ao primeiro álbum, «Against The Modern World»?

...Não é que eu defenda o regresso aos tempos de pobreza e ignorância do passado. Nada disso. O problema é que somos usados pelo sistema de diversas formas. Essa frase não é contra a tecnologia ou o progresso, que eu aliás adoro, mas contra a destruição das coisas boas do passado. Dos valores. É contra a alienação do indivíduo pela cultura de massas.

E o teu Sol, não terá mais entendimento como símbolo universal do que individual?

O sol é um símbolo de força e pureza, de energia e poder, vida. É um símbolo das religiões da natureza. É um símbolo positivo.

Qual é o significado preciso do teu «Sol Invencível»?

É o «the Unconquered Sun». Originário da Pérsia e que, depois de transportado para Roma pelos soldados do Império, se tornou numa espécie de religião. É sinónimo de força incontrolável, não corruptível.

A ideia de força é muito comum nas tuas canções, concordas?

Sim. Não se trata de uma coisa tipo macho, tipo Rambo, mas sim da força da criação. É uma força interior.

Usas o latim com muita frequência também!

Sim, porque é uma língua muito bonita. Faz parte da cultura europeia. É a linguagem da sua civilização.

Não te achas extremamente descrente e cínico em relação à cultura e civilização europeia? «If you're looking for europe, best look in your heart», citando uma música tua.

Sou bastante cínico e pessimista em relação a esta era, sim. O ser humano desaponta-me e julgo que há muita gente que não é digna do ar que respira. Julgo mesmo que não iremos ter um final feliz!

Era isso que procuravas na magia? Uma razão por que valha a pena viver!

Em certo sentido sim. Mas no fim acaba por terminar tudo em ti, sempre.

Mas parece-me que pretendes recriar ou fazer renascer algo do passado, não?

Não, não. Isso é utópico. O passado tem muito de horrível. Há apenas alguns dados do passado que eu vou buscar. Retorno, esse, só ao «self»!

É aí que entra o uso da «folk music», num sentido mais genérico?

Como disse, não tenho nada contra a tecnologia. Eu uso samples. Mas existe algo muito especial quando se ouve uma pessoa a tocar um instrumento. Há uma qualidade humana, uma dimensão humana. E uma máquina nunca substituirá isso.

Sim, mas isso faz parte do dilema do acústico e tecnológico, e eu perguntei-te do uso da «folk». Não será por ser esta a que mais se aproxima da natureza?

Isso é muito pessoal. Eu não me considero um bom músico. Não sou um especialista. Por isso a minha música é muito simples, muito básica. Assim, concentro-me em coisas simples, mais acústicas, para além de que gosto muito de ouvir aqueles instrumentos que tu estás a associar à folk. Mas, o que conta é só isto.

Também já não és tão político quanto o eras no passado?

Sim. Porque esta acaba também por ser uma forma de escravidão, quando te identificas com um partido ou uma corrente. Assim, deixei de lado «statements» do passado. Durante o punk, como tomávamos posições, éramos extremamente conotados com a esquerda. Depois, já com os DIJ, como fomos uma reacção a isso tudo, passámos a ser conotados com a direita. Os Sol Invictus já não são colunáveis, não transmitem mensagens políticas. Só as minhas obsessões pessoais!

JOÃO CORREIA